

## COMUNICAÇÃO E MARKETING NA POESIA POPULAR DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE

*Martine Kunz \**

Qual o processo, a trajetória que pode levar uma europeia, uma francesa a pesquisar a chamada literatura de cordel?

Existe uma literatura popular? Existe uma criatividade autenticamente popular? A arte popular não seria uma invenção de intelectual ou a assimilação submissa de valores oriundos das classes dominantes e impostas por elas?

A minha primeira viagem ao Brasil foi nos anos 1975-76. Tinha acabado de apresentar na Sorbonne uma tese de mestrado de literatura sobre Proust e Baudelaire, e resolvi dar uma pausa demorada, aventureira e exótica na minha vida universitária. Acontece que o exotismo se deu às avessas. Chegando em Calumbi, lugar perto de Serra Talhada, em Pernambuco, o choque cultural foi enorme e determinante para o fim da minha viagem. Foi em Calumbi que eu me senti o alvo de uma curiosidade desenfreada por parte da população, de um comportamento antropológico selvagem e espontâneo. Cheguei então a pensar que era sempre a mesma classe de gente que estudava os outros. Os brancos estudam os pretos, as classes altas estudam as classes baixas, o primeiro mundo debruça-se sobre o terceiro mundo. Por que não o contrário?

Foi em Calumbi também que assisti pela primeira vez a uma leitura de folheto, uma história de diabo e cangaceiro, me recordo bem, uma leitura organizada seguindo o esquema tradicional: uma pessoa da assistência lia, os outros (analfabetos ou semi-analfabetos) escutavam, interferiam, riam, acrescentavam, contestavam, faziam previsões, interpretações, enfim, brincavam.

Na época, a minha compreensão da língua portuguesa era ainda muito precária, mas o que me interessou, mais do que o conteúdo

\* Université Sorbonne — Nouvelle (Paris), com tese sobre Rodolfo Coelho Cavalcante.

do próprio folheto, foi o espírito grupal, a interação entre o folheto e o público. O público era ativo, atuante, inventava a sua própria diversão. Poderia-se dizer que o público era o próprio autor da sua literatura. O acontecimento despertou muito o meu interesse, pois, pela minha formação universitária, o texto literário era para mim, até então, um produto de consumo intelectual, solitário e elitista.

Quanto à segunda série de perguntas, nosso trabalho pretende demonstrar que a literatura popular não só existe como expressa, através de uma grande riqueza temática; a alma do seu povo, mais que ela, está sendo submetida a vários fatores de distanciamento. Através do caso estudado, Rodolfo Coelho Cavalcante, poeta e líder da sua classe, e das contradições desse poeta, podemos afirmar que a literatura popular só pode existir e sobreviver como tal na medida em que ela não pretende identificar-se à outra literatura erudita, elitista, hegemônica.

As dificuldades na realização do trabalho foram múltiplas. Além dos obstáculos óbvios da língua, do sotaque, da compreensão não só da palavra em si mas da conotação, da encenação da palavra, tive que enfrentar três dificuldades maiores: o fato de ser mulher, o choque das identidades culturais e a dificuldade do relatório biográfico.

O fato de ser mulher em um meio quase exclusivamente de homens me levou a enfrentar certas situações embaraçosas, às vezes conflituosas, às vezes saborosas, que nunca chegaram a se tornar realmente desagradáveis mas que de certa maneira me limitaram.

O choque das identidades culturais não deixa de ser a grande dificuldade encontrada para a realização desse trabalho. Por quê? Porque encontrar um poeta popular no Nordeste do Brasil faz com que a gente se sinta ao mesmo tempo estrangeira e familiar, mas muito mais estrangeira que familiar, e tratava-se de não esquecê-lo para não se arriscar a anular as diferenças e acabar não encontrando ninguém.

De fato, a literatura popular nordestina só pode ser compreendida através da cultura popular nordestinha e não da cultura da Europa ou de São Paulo. A literatura popular do Nordeste do Brasil não podia ser considerada em si mesma como uma peça de museu; compreender a literatura de cordel implicava sempre o esforço de examinar o texto em função do contexto do qual ele procede, pois uma obra não é fechada em si mesma, mas resulta igualmente de uma relação entre um autor e uma situação, de uma relação entre a obra e a realidade que ela exprime, traduz, interpreta, utiliza.

Como tratar o retrato de um contemporâneo? Como dar uma interpretação minuciosa, profunda de uma personagem que se en-

contra no presente e do qual teria de captar o passado? Qual o direito nosso de escolher certos aspectos, abandonar outros? A melhor maneira de escapar à arbitrariedade teria sido escrever uma biografia que não passasse de uma cronologia. Mas qual o interesse? A solução pela qual optamos supõe e sacrifica ao mesmo tempo o olhar estrangeiro, seletivo, para privilegiar o olhar do poeta, um olhar voltado para dentro de si mesmo. À pretensão científica, preferimos o relatório incompleto mas desabrochado. Rodolfo Coelho Cavalcante escolhe, esquece, ressuscita o passado e evoca o presente, seguindo os meandros da sua memória fragmentada, seletiva, mais emotiva do que mecânica, mais imaginativa do que fiel.

Quem é Rodolfo Coelho Cavalcante?

### QUEM SOU EU

Nasci pobre, sem roupa e até chorando,  
Me criei numa rústica pobreza,  
Minha escola eu me lembro com franqueza  
Foi na luta vivendo, trabalhando.

Pelo mundo sozinho, viajando,  
Treze anos eu tinha, com certeza,  
Aprendi o valor da natureza  
— A escola do bem melhor falando...

Os meus pais, o mestre foi o mundo  
E se hoje não sou um vagabundo  
Foi o mundo o meu grande professor.

Fui palhaço de circo e fui artista  
E ao depois de ser propagandista  
Me orgulho em dizer: — Sou TROVADOR! (1)

Rodolfo Coelho Cavalcante, alagoano de Rio Largo,\* nasceu em 1919 e é radicado em Salvador desde 1945. Desde os seus sete anos de idade que tinha o dom da poesia, compondo poemas para reisados, cheganças e pastoris. Filho de pais operários, ele abandona o lar aos treze anos e percorre o Nordeste trabalhando em circos como palhaço e malabarista. Casou-se em 1939 e escreve o pri-

(1) R. C. Cavalcante in *Suspiros de um Trovador*, coleção de poemas inéditos, Salvador, Bahia, s.d.

\* A cidade Rio Largo encontra-se a uns 36 km de Maceió (Alagoas), ao longo da linha férrea Maceió-Recife.

meiro folheto: *A triste morte de Jovina*, o segundo folheto aparece em 1942: *Os clamores do incêndio em Teresina* e hoje tem mais de 1500 folhetos versados, vendidos em vários estados do País.

Em 1955 Rodolfo Cavalcante realiza em Salvador o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros; em 1960 o segundo Congresso, em São Paulo, e até hoje não parou de organizar congressos, festivais, concursos, feiras de literatura, etc... e de publicar vários periódicos como o *Trovador Popular*, *Serenata*, *A Voz do Trovador*, *O Grêmio* e *Brasil Poético* lançado em 1974 e que continua ainda hoje a ser publicado, órgão oficial da *Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel* (O.B.P.L.C.), associação igualmente fundada por Rodolfo Cavalcante.

Por que ter escolhido Rodolfo Coelho Cavalcante? Pela sua ambigüidade. Tanto como poeta quanto como líder, animador da classe dos poetas populares, Rodolfo Cavalcante testemunha da situação da literatura de cordel com suas contradições, tendências e mudanças ou deturpações.

Pela sua combatividade, Rodolfo Cavalcante assume o papel de "relações públicas" da classe dos trovadores, enfrentando uma sociedade que durante muito tempo, e ainda atualmente, negou aos poetas populares o menor reconhecimento social. Rodolfo Cavalcante luta por intermédio de vários periódicos, festividades e associações. É nessa perspectiva de reivindicação que foi fundada, por exemplo, em 1955, logo após o primeiro Congresso Nacional, em Salvador, a Associação Nacional de Trovadores e Violeiros (A.N.T.V.).

Qual era a finalidade dessa associação? Lutar pela defesa dos direitos autorais, intervir para que os poetas tenham o direito de cantar livremente nas praças públicas e sejam respeitados profissionalmente. A idéia da A.N.T.V. nascia dum desejo de confraternização e solidariedade entre os poetas populares.

Mas uma vez a organização constituída, qual será a primeira intervenção pública? Organizar uma expedição punitiva contra os folhetos imorais que circulavam no Nordeste.

"Quando nós fundamos a A.N.T.V., o nosso primeiro objetivo era acabar com leituras imorais, folhetos imorais que existiam muito no Brasil, especialmente no Nordeste, folhetos completamente pornográficos e anônimos. Só não tinha retratos imorais na capa porque era impossível eles fazerem isso, mas no conteúdo dos folhetos tinha muita imoralidade. Então a A.N.T.V. decidiu acabar com a imoralidade e chegamos a apreender milhares de folhetos pornográficos e tocamos fogo, junto com as autoridades; nós tivemos a liberdade de apreen-

der os folhetos e queimar, em nome da nossa entidade.” (2)

Uma política literária tinha nascido, mais vigorosa ainda, pois contava com o apoio das autoridades oficiais e pretendia agir em nome da moralidade pública. A raiva da censura e o desejo de agradar às autoridades se revelava maior do que o impulso reivindicativo em favor do poeta popular.

Na atual O.B.P.L.C., fundada em 1976, o tom moralizador não chegou jamais a desencadear tais comportamentos, mas a ambigüidade ficou: de um lado temos o espírito corporalista, a fraternidade poética e a solidariedade. De outro lado encontramos uma tendência elitista, seletiva, burocrática que deve desnothear muitos dos poetas populares, e declarações de respeito incondicional à ordem moral e política e às autoridades constituídas. Essa tendência a assimilar, fazer seus valores da classe dita “superior” permite talvez assegurar o “ganha-pão”, mas também traz um certo desequilíbrio para o poeta, desequilíbrio que vai refletir-se na sua obra.

A ambigüidade do poeta reside primeiro na dualidade da identidade poética. Paralelamente à sua produção de folhetos, Rodolfo Cavalcante reivindica-se como poeta erudito: ele pertence a várias academias literárias, cenáculos, associações literárias e até já publicou, por conta própria, obras de inspiração lírica e romântica. Trata-se geralmente de textos cheios de referências eruditas, históricas ou bíblicas:

“Sou um homem do passado  
No presente retratado  
Com o rosto bem diferente...  
De Faraó fui vassalo,  
Como romano a cavalo  
Pisoteei muita gente.

Com Tibério gargalhei,  
Ditava, fazia lei,  
Bazofinando os cristãos...  
No tempo de Constantine  
Fiz o maior desatino  
Na loucura dos pagãos.

---

(2) Cf. R. C. Cavalcante, entrevistado pela autora, fevereiro de 1980, Salvador, Bahia.

Fui amante de Agripina  
Fui noivo de Messalina,  
De Cleópatra gostei...  
Calígula — meu grande amigo,  
Cláudio brigando comigo  
Quase não era mais rei!" (3)

R. C. Cavalcante exprime seu ideal poético através desses poemas de pretensão erudita. Quanto aos folhetos, eles são vistos como poesia de sobrevivência.

"A minha poesia é para ganhar dinheiro, é comercial; não é aquilo que eu penso..." (4)

"Eu não tenho opinião, tenho a opinião que o povo quer comprar." (5)

Além dessa atitude mercantilista que R. C. Cavalcante assume sem o menor constrangimento, temos que sublinhar outro caráter determinante da sua produção de folhetos que é o da temática urbana. Esses dois fatores: a vontade mercantilista e o fato de ser radicado num centro urbano influenciaram de maneira decisiva sua produção.

R. C. Cavalcante deixa de lado a inspiração tradicional dos poetas de cordel: arquétipos medievais, anti-heróis como João Grilo, Cancão de Fogo e as grandes figuras da história nordestina. Essa temática mais ligada ao contexto agrícola fechado e tradicional do Interior do Nordeste, cujas estruturas sócio-econômicas são menos complexas e diversificadas, essa temática devia necessariamente modificar-se ao contato da cidade e evoluir para uma temática mais engajada na modernidade e no tempo precipitado da vida urbana.

"A temática varia de acordo com o local onde se vendem os folhetos; o trovador tem que ter várias espécies deles, pois o que vende na praça é um e na feira é outro." (6)

Darei a seguir dois exemplos comparativos a fim de ilustrar os vários talentos do poeta e do comerciante R. C. Cavalcante.

(3) Cf. R. C. Cavalcante: estrofes extraídas do poema "Reminiscências", in *Suspiros de um Trovador*, Salvador, Bahia, s.d.

(4) Cf. R. C. Cavalcante, entrevistado pela autora, fevereiro de 1980, Salvador, Bahia.

(5) Cr. R. C. Cavalcante, janeiro de 1971 in ORIGENES LESSA: *Getúlio Vargas na Literatura de Cordel*, Rio de Janeiro: Ed. Documentário, p. 56, 1973.

(6) R. C. Cavalcante, Cf. RUBIM, Albino (et alii): "Encontro com R. C. Cavalcante" in *Jornal da Bahia*, Salvador, 26.05.1975.

Desde o início da sua carreira, ele escreve biografias ou ABC biográficos\*. Já foram publicadas as biografias de Rui Barbosa, Castro Alves, Catulo da Paixão Cearense, Getúlio Vargas, e tantos outros, políticos, historiadores, jornalistas... Têm biografias de encomenda ou de cortesia, mas, de modo geral, trata-se de exaltar os grandes nomes da vida nacional.

“Falar das atividades  
De Inojosa no MODERNISMO  
É enaltecer o Ideal  
E o grande Patriotismo  
Deste Escritor de Talento  
Que merece um Monumento  
Pelas lições do Civismo!” (7)

“A obra de Assis prossegue  
Em toda sua trajetória  
Como Pavilhão de luz,  
Como estandarte de Glória,  
O seu nome perpetua  
No Jornal, na praça e Rua  
Como exemplo em nossa História.” (8)

Do ponto de vista estilístico, os folhetos biográficos não apresentam uma grande originalidade. As estruturas são repetitivas, as laudações hiperbólicas, com muitos efeitos de retórica que compõem um discurso empolado e enfático. O poeta se afasta assim de tudo aquilo que faz a originalidade da literatura de cordel: as surpresas da imaginação, a audácia das imagens, a espontaneidade da inspiração. Esse tipo de folheto é destinado a um público urbano, diferente do público tradicional.

Outro folheto a pôr em paralelo seria o de gracejos ou folhetos jocosos como os chama R.C. Cavalcante, tais como *A Língua da Mulher Faladeira*, *O marido que trocou a mulher por uma T V em cores*, *História da mulher que passou a navalha no marido*, *Maria Mata Homem*, *a valente da Paraíba*. O folheto escolhido intitula-se *ABC da nova dança (Gute-Gute)*:

\* O ABC é um poema cujos primeiros versos de cada estrofe começam por uma letra do alfabeto, seguindo a ordem alfabética.

(7) R. C. Cavalcante: *A vida do escritor Joaquim Inojosa*, clichê na capa, Salvador, 1976.

(8) R. C. Cavalcante: *A vida de Assis Chateaubriand*, Salvador, 1975.

“A dança de hoje em dia  
Difere de antigamente  
Quando o rapaz e a moça  
De modo conveniente  
Marcavam certo o compasso,  
Juntando braço com braço  
Muito respeitosamente.

Horrorosamente vê-se  
A donzela e o rapaz  
Pulando no mexe-mexe  
Nos prazeres infernais,  
O rapaz desrespeitando  
Por trás da moça pulando,  
— Minha filha mêxa mais!

Indo um baile em Pau Miúdo  
Na casa de Julião  
Quase morro de vergonha  
Quando cheguei no salão  
Uma moça me agarrou  
Deu um pulo e me empurrou  
Que me esparramei no chão.” (9)

A diferença de estilo é óbvia, nas biografias reina a ênfase e a tentação da erudição enquanto no *ABC da nova dança (Gute-Gute)*, a linguagem é direta, descritiva, sem abstrações nem pretensão erudita. Os públicos implicados são diferentes. Da biografia ao folheto jocoso, o poeta nos leva para dois mundos literários completamente diferentes e nos revela tanto a riqueza e a multiplicidade dos seus registros estilísticos como a sua profunda intuição do mercado editorial. De um lado, R. C. Cavalcante não deixa de ser o nordestino que conhece o seu povo e sabe lhe falar; de outro lado, o poeta desenvolveu uma temática urbana que o mantém distante do seu público tradicional, pelos contatos freqüentes com poetas, jornalistas ou outros intelectuais, pelos contatos com as estruturas burocráticas ou culturais da cidade.

O outro exemplo comparativo escolhido refere-se à produção jornalística do poeta. A informação e o seu tratamento são variáveis dependendo do público. Em relação ao público do interior, o poeta se preocupa mais em educar, divertir, moralizar, aconselhar, fazer chorar, rir e sonhar. Na cidade, o folheto não poderia cumprir

---

(9) R. C. Cavalcante: *ABC da nova dança (a dança do Gute-Gute)*, xilogravura na capa, 1978.

a mesma função: a concorrência dos outros meios de comunicação e a circulação maior das idéias e das palavras obriga o poeta-jornalista da cidade a escolher a sua informação seguindo outros parâmetros.

Assim o folheto *A verdade sobre o divórcio* apresenta-se, tanto pelo tema como pelo seu tratamento, como um folheto cuja destinação é urbana. A fonte de informações para tratar o assunto só pode ter sido os meios de comunicação como o jornal, o rádio, a TV. O tema dirige-se a um público urbano cujas práticas de vida familiar são suscetíveis de transformação. Essa eventualidade é mais provável nos centros urbanos do que no sertão. A dissolução do casal supõe uma autonomia da mulher dificilmente encontrada no interior do Nordeste. O divórcio passa por cima do caráter sagrado da união ao qual o povo sertanejo é mais apegado. Enfim, o folheto em questão é sobretudo de destinação urbana, pois o poeta declara-se a favor do divórcio:

“Casa-se a pobre mulher  
Com um tipo beberão  
Ou senão com um sadista  
Sem alma, sem coração,  
Vem o desquite, coitada,  
Começa sendo falada  
Sem a justificação.”

...  
“Hoje a mulher brasileira  
Separada do marido  
É uma escrava da lei  
No seu viver oprimido...  
Amando outro termina  
Ter nome de concubina  
E outro feio apelido.”

...  
“Não separei... (Disse o Cristo)  
... O que o Senhor ajuntou.”

“Mas, o Divórcio jamais  
A um casal separou.  
Separado pelo tédio  
Vem o Divórcio... o remédio  
Para o lar que se acabou.” (10)

(10) R. C. Cavalcante: *A verdade sobre o Divórcio*, desenho na capa, Salvador, s.d.

O próprio Rodolfo Cavalcante declara:

“... esse folheto é vendido mais nas capitais, porque não é folheto para o interior, embora o sertanejo que tenha esclarecimento compre, mas não é para o analfabeto porque ele nem sabe o que é divórcio.” (11)

Em seguida, quero citar um folheto cuja comercialização é mais rural do que urbana, e que nos levou a duvidar da tolerância e das reivindicações libertadoras do poeta. O folheto *A maneira da mulher não ter filhos* é um folheto informativo que evoca a opção dos métodos anticoncepcionais, mas para condená-la através de um discurso absolutamente moralista e retrógrado. O argumento da “natureza” feminina apresenta a procriação como um dever, a finalidade da relação amorosa, por razões demográficas, religiosas e morais.

“Evitar concepção  
Digo: a mulher parir,  
É concreta aberração.  
(...)

Evitar que a mulher  
Não tenha filho é loucura,  
É assassinar um ventre  
Na sua melhor moldura  
Cujo é a felicidade  
Para o bem da humanidade  
Ao nascer a criatura.  
(...)

É ir contra a Lei de Deus,  
Por isso leitores meus  
Muito peca quem assim faz.”

...  
“À mulher que não tem filhos  
Raramente é bem feliz  
Quando não anda doente  
Toda hora se maldiz,  
É como árvore sem fruto  
Não mostra ela o produto  
Como seu Criador quis.”  
“Mas, como posso evitar

(11) R. C. Cavalcante: entrevistado pela autora, fevereiro de 1980, Salvador, Bahia.

De ter filhos, trovador”?  
“Primeira maneira é  
De nenhum homem gostar,  
Não querer de forma alguma  
Com um varão se juntar,  
Ao depois: — viva sozinha  
Trancada na camarinha  
Pra nenhum homem lhe olhar.” (12)

Nós estamos bem longe da afirmação do direito à liberdade concedido à mulher separada do marido, a mulher da cidade para a qual é relativamente mais fácil contestar as regras de vida convencionais. De um lado, o poeta demonstra uma certa solidariedade com a “mulher desquitada”, de outro lado a mulher só pode recusar a maternidade pela prática da abstenção sexual, a morte social e a reclusão. O poeta não a autoriza a ter outra identidade do que a de mãe de família ou a assumir um destino outro que biológico.

Mais uma vez, o discurso varia em função do público. O folheto sobre o divórcio é para um público urbano relativamente abastado, ao qual é concedida uma certa margem de liberdade individual; o segundo folheto é para a imensa maioria marginalizada: o direito ao desvio não é mais permitido, o tom é repressivo, autoritário ou paternalista. As normas de comportamento rígidas não autorizam mais a transgressão.

É claro que não se tratou aqui de dar conta de toda a produção de R.C. Cavalcante que é extremamente rica e diversificada, mas de mostrar como o conhecimento que ele tem do seu povo tornou-se mais um modo de sobreviver do que de comunicar, como a finalidade da escrita é menos poética do que comercial. A medida que R.C. Cavalcante foi conquistando um certo prestígio nos meios cultos, ele tendeu a desprezar seu público tradicional para produzir e vender sua arte a quem oferece o melhor preço. O folheto é assim reduzido a um simples objeto de consumo cujos conteúdos e estilo dependem do comprador eventual.

“O analfabeto, coitado,  
Tenho muita pena dele:  
— Em vez dele andar montado,  
— O Letrado monta nele!”

R.C. Cavalcante

---

(12) R. C. Cavalcante: *A maneira de a mulher não ter filhos*, (clichê na capa), Salvador, s.d.